

HISTORIADORES DE FÉ

Anselmo Jeronimo de Santana¹

Introdução

Este trabalho analisa as relações entre ciência e religião com ênfase na discussão de aspectos que norteiam o entendimento do cientista e sua crença religiosa enquanto sujeito social ou como esse sujeito interpreta e produz bens simbólicos.

Para tanto, optou-se por centrar essa análise em dois historiadores - Jean Delumeau e Armando Souto Maior - procurando, a partir da análise das aproximações e divergências no discurso religioso desses estudiosos, investigar o fenômeno religioso.

Ciência e Religião, dois saberes em que se descortina uma série de indagações e possibilidades que ao longo da história sofreram aproximações e distanciamentos. Dai que surgem os questionamentos: Onde ciência e religião se encontram? Há essa possibilidade? São intransponíveis essas diferenças? Razão, fé, raciocínio, espiritualidade, crenças, ritos, mitos, têm razão de ser? Suas lógicas são incongruentes por natureza ou são construções humanas, que alternam a supremacia do discurso da verdade?

Ao longo da história, a alternância da razão e da fé como primazia criou um mal-estar que tem reflexos e contendas em nossa contemporaneidade. Períodos em que a ciência é desdenhada e perseguida e períodos nos quais a fé é considerada irrelevante e a religião em si alienante e ilusória. Nesse processo, paulatinamente, a razão assumiu a primazia do entendimento e do conhecimento humano relegando outros saberes ao plano da imaginação, sem nenhuma validade.

Consideramos hoje que a ciência representa a religião da maior parte da humanidade. O que o meio científico, admite, ou comprova transforma-se em lei, a qual se segue à risca. Ora então, o conhecimento científico, tomado desta forma, representa a verdade máxima para este ser humano (VIEIRA, 1992, p.166).

Essas posições conflitantes foram construídas ao longo da história em séculos de deformações e imposições de ambas as partes. Hoje, quais as posições destes dois saberes? Em que contribuem certas hostilidades entre ciência e religião em uma sociedade humana

em intensa transformação do ponto de vista planetário? A ciência tem a última palavra para todas as questões ou ela mesma faz uma reflexão em torno de seu alcance? E as doutrinas religiosas com seus dogmas inquestionáveis? Por qual ângulo pode-se abordar a religião, pelo campo simbólico, pela cultura, pela eficácia simbólica?

O que se tem ao longo do tempo, no Ocidente, são dois saberes fechados em si mesmos, em seus castelos, em seus espelhos adorando-se como Narciso, porém além do espelho há a realidade e suas muitas faces a desafiar, cada vez mais, os que se pergunta a respeito do homem, da natureza, do universo, da vida, da morte, da consciência, da inconsciência, e quando emergir das águas da realidade, algo a mais, invocará um arguto e angustiante? Por quê?

O momento é de visualizar possibilidades e com isso um possível passo na antítese ciência x religião, razão x fé. O simbólico, o imaginário estão presentes nessas duas representações da realidade; o campo das emoções, do sentimento, do mito, da imagem e dos símbolos, constitui-se na complexidade humana e do planeta. A partir das idéias e percepções se cria a visão de mundo, dando sentido e significado à realidade em que se vive, conforme Morin argumenta: “Nossas visões de mundo são as traduções do mundo. Traduzimos a realidade em representações, noções, idéias e depois teorias” (2000, p.63).

Entende-se que a História pode contribuir, ao investigar estes saberes, mitos, ritos, símbolos, práticas, discursos no campo religioso, que grosso modo são denominados de superstições. Superstições insistentes em muitos lugares apesar de toda tecnologia e ciência.

No seio dessas interrogações se encontra o objeto deste estudo - *Historiadores de Fé: agnosticismo e religiosidade em Jean Delumeau e SoutoMaior*, que propõem discutir como cientistas, que professam uma crença, a circular entre a razão e a fé.

Nesta proposta de discussão, pretende-se entender de que maneira um historiador de tradição francesa Delumeau (1991) escreve um livro *As Razões de Minha Fé* não se reconhece ateu, pelo contrário, evoca Deus neste livro posiciona-se, como católico, assim como em seus vários artigos e entrevistas; observar também a trajetória dos estudos deste pesquisador e sua postura diante das questões impostas pela ortodoxia acadêmica. Através

da análise de seus escritos, compreender a postura de um historiador em busca de respostas para questões que nortearam seu caminho acadêmico e seu tema emblemático- o medo.

O historiador Armando Souto Maior (2006) trará sua contribuição ao debate ciência- religião, a partir de uma análise de sua obra *Antes e Depois de Kardec*.

Neste contexto, objetiva essa pesquisa identificar aproximações entre as posições desses dois historiadores, em relação à pesquisa sobre religião, refletir acerca da contribuição de suas obras para a Academia, distinguir os temas de seus estudos, analisar, em suas obras, os caminhos para o historiador do século XXI e seus desafios, com ênfase para a relação história-religião.

Procurando contribuir com os estudos da religião, sugere-se a aproximação da história com a religião, para compreender a religião como passível de ser estudada com maior profundidade por estar intrinsecamente ligada às transformações sociais e culturais nas sociedades.

O historiador elege seu tema diante de seus questionamentos e o que pretende contribuir para o conhecimento e prática social. Destaca-se então o historiador religioso e os vários sistemas religiosos além de sua relação com a sociedade e a cultura. Ressalta Sanchis (1995) o campo religioso e sua relação com a história:

[...] por outro lado, um campo religioso constrói-se e reconstrói-se constantemente nas reações entremeadas das instituições, dos grupos quase-grupos e indivíduos, diante dos acontecimentos. Neste sentido, é a sua atual dinâmica que é decisiva. Mais tais atores não estão soltos no espaço-tempo: suas relações, já criadas na e pela história, tendem a pré-moldar hoje suas reações. E quanto aos acontecimentos, eles não emergem num vazio de fatos, de traços e lembranças de fatos, de produtos de fatos interiores (1995, p.81).

Metodologia

A metodologia utilizada para este trabalho consta de pesquisa bibliográfica, análise textual, com ênfase para aproximação entre a ciência e a religião, bem como os pontos divergentes e entrevista semi-estruturada com a esposa do Prof. Armando Souto Maior.

Historiadores de fé

Jean Delumeau

Jean Delumeau nasceu em Nantes, França, em 1923. Firmou-se como historiador com seu livro: *La civilisation de La Renaissance* (1968), premiado pela Academia Francesa. O reconhecimento de seu trabalho culminou com a sua eleição para o Collège de France, em 1975, e a seguir para o Institut de France, a Academia de Ciências do país. Foi professor nas universidades de Rennes (1955-1970), Pantheon Sorbonne (1970-1975) e ocupou a cátedra de História das Mentalidades Religiosas no Ocidente Moderno na Sorbone- Paris (1975-1994).

Delumeau se considera ligado ao período inicial da Escola dos Annales de Lucien Lefvre e Marc Bloch. Ao se situar como seu ponto de partida a fase clássica dos Annales, Delumeau também se aproxima do imaginário por estar ligado a todo um conjunto de imagens e símbolos cristãos. Os arquétipos encontram-se neste estudo. O historiador traz toda uma pesquisa sobre a chamada “Pastoral do Medo”, que privilegia, todo o processo de “Culpabilização”.

Delumeau em seu livro “Mil anos de Felicidade”, observa o arquétipo do paraíso, em toda a cristandade, o retorno o Cristo, o milenarismo. Ao pesquisar o medo, trouxe o conjunto de imagens e símbolos cristãos.

O livro *As Razões de Minha Fé* (1991) do historiador Jean Delumeau, será motivo de pesquisa deste trabalho por apresentar uma questão das mais atuais; o pesquisador e suas crenças religiosas na academia.

Hoje o medo maior é do próprio homem. Violência, preconceitos, racismos, intolerâncias, conjugam-se para construir essa realidade. A cultura do medo no ocidente, marcada por guerras e gerações ambientadas em clima de terror e de extrema violência. Os efeitos destes pensamentos e doutrinas produziram seus efeitos nos países pobres, onde a fome, a miséria, e os regimes ditatoriais dominam estes cenários, corroendo o tecido social, avolumando as cenas de horror e brutalidade. Um mundo comandado pela insegurança, o medo desumaniza.

Entre o medo e a esperança, as religiões oferecem segurança. As crenças tornam-se cada vez mais fortes, nos dias de medo e desespero. A eficácia das crenças invade os anseios da sociedade, como forma de encontrar um mundo melhor.

Nesta sua investigação encontra-se a percepção do historiador e a formação de uma sociedade ao longo dos séculos e sua importância na formação de uma cultura que influenciou o mundo.

A temática religião e a história encontram-se tão próximos que é muito tênue a linha que separa as duas na história da humanidade. Por isso o destaque para um historiador que é o principal estudioso do medo e do pecado no Ocidente.

O livro *As Razões de Minha Fé* (1991), que foi estudado, é destacado por trazer uma posição pouco conhecida, na tradição intelectual a que o autor pertence. A França tem como predominante a tradição de seus intelectuais serem agnósticos e ateus, o que o autor em questão destoa, por ser católico convicto, professor e historiador religioso, fazendo um percurso em direção a aproximações entre ciência e religião.

O livro se desdobra com opiniões de pensadores e cientistas a respeito de Deus, criando um caminho para ele, entre ciência e religião, procurando pontos de contato entre os dois saberes. Nesta obra, Delumeau discute e se posiciona diante de temas como: Teologia da Libertação, ecumenismo, aborto, contracepção.

O historiador Jean Delumeau em suas pesquisas, destaca a liberdade de expressão e a diversidade das religiões, com especial destaque as grandes religiões do mundo. O homem necessita de ritos, os quais lhe permitem penetrar no espaço do sagrado, o qual é para o homem algo maior que ele próprio.

Ao encontrar nas diversas religiões exemplos de sabedoria, compaixão, sinceridade, humanidade, santidade e humildade, encontra o historiador das religiões um ponto em comum, e defende o diálogo interreligioso, como possível de construir a paz, entre os povos e culturas, os mesmos fundamentos o que para ele poderia levar a uma única religião.

O livro em estudo inicia com um convite à reflexão, em meio a uma cena descrita com sensibilidade, afeto e carinho, com destaque para a natureza, as crianças suas netas e um avô carinhoso e solícito fazendo desse encontro nas férias uma proposta de trabalho e de análise a respeito do historiador da religião e do religioso católico, expondo seu pensamento ante a ciência, a religião, entre a razão a fé e as crenças.

A questão da morte foi posta por uma de suas netas, o que o fez dar explicações a menina. Porém a partir dessas respostas, cogita e trabalha na formatação do livro em questão. Uma pergunta lhe é fundamental - quem é o autor daquilo que não tem a mão humana?

Com esse olhar para o exterior de si, desenvolve argumentos para encontrar o autor de tudo que não é do homem, no decorrer de sua obra dialoga com os agnósticos como nesta passagem: “Um amigo agnóstico: disse que a viva beleza destas flores, por pouco o levava a acreditar na existência de Deus” (DELUMEAU, 1991, p.15-16).

Para o historiador, a pesquisa científica é a honra do homem e observa que a liberdade é condição fundamental para que a ciência produza conhecimento e assim diminua a ignorância. A ciência sem nenhum impedimento, a busca pelo conhecimento sem as barreiras teológicas que barraram e até perseguiram quem pensava e produzia conhecimento diferente.

A ciência tem suas limitações. Para Delumeau a ciência não tem argumento final, suas conclusões são marcadas pela provisoriedade. Afirma ainda: “A ciência não me parece conduzir a negação de Deus, mas convidar o homem a permanecer em seu lugar e, ao mesmo tempo, a se interrogar acerca daquilo que é maior que ele (DELUMEAU, 1991, p.19)”.

A busca pela transcendência encontra obstáculos no próprio conhecimento, que para o autor é completamente inapto para responder. Delumeau não vê conflito entre ciência e cristianismo:

A ciência deve ir tão longe quanto puder. Os resultados, lidos numa ótica cristã, só podem jogar mais luz sobre a infinita riqueza da criação. Para mim a ciência é um convite a voltar-nos para mensagem religiosa, procurando saber como ela pode esclarecer os mais diversos mecanismos (1991, p.21).

Assim, o autor não vê rota de colisão entre os dois saberes, ciência e religião e que se encaminham uma para outra. Cita o exemplo do matemático Petru Dumitru: “Devo as ciências exatas o fato de poder rezar. Elas são para mim uma preparação primeiro para a oração” (DELUMEAU, 1991, p.22). Delumeau coloca essa afirmação para demonstrar que não há uma separação entre religião e ciência, porque para ele existe uma lógica, uma razão, um pensamento, diretriz em todo o cosmo, e que o homem precisa integrar, conhecimento e fé, que não se excluem, mas fazem parte de uma lógica maior.

Para este pesquisador, a Revelação de Deus Criador constitui a maior descoberta já feita pela humanidade. Combate quem procura negar a existência de Deus e a relação Criador – Criatura, como os ateus, a exemplo de Sartre, que afirmam: “Pôr Deus é me coisificar” (DELUMEAU, 1991,p.28). Assim a existência de Deus é defendida, porque para ele, negar Deus é negar o homem.

O autor faz uma crítica àqueles que defendem a necessidade de desconstruir o homem, até anulá-lo. Ao contrário, defende que é necessário construí-lo por uma questão de método e a humanização das Ciências Humanas e não a desumanização do homem. Destaca ainda que o homem é o único na natureza equipado e capacitado para aprender e produzir cultura.

O historiador francês questiona a relação religião-história e o historiador:

Pode o historiador, cujo trabalho é criticar os documentos do passado, deixar-se levar por tais fábulas? Eu sou historiador não estarei caindo na mais desoladora contradição? Não estarei renegando a mim mesmo? Estarei as favas minha vocação e minha razão de ser? (DELUMEAU. 1991. p.67).

O autor com essas reflexões coloca em xeque a sua condição de historiador, mas reflete que tudo que é real é objeto da ciência, aceita que o mistério existe, aceita a revelação, o que demonstra a presença da crença em seus estudos.

Em mais de um momento de suas reflexões ele concorda com seus amigos agnósticos, quando diz que a morte é como um fim, porém, com a ressurreição acredita que vai ressurgir para uma terra livre da morte e do medo.

O autor critica ainda a postura da Teologia da Satisfação, esta exige do pecador, do culpado, sacrifícios, de preferência sangrentos. Essa pedagogia foi utilizada durante a Idade Média, utilizando-se do medo, da culpa, do pecado, do sacrifício da manifestação em geral, da mortificação do corpo.

O autor levanta um ponto para a discussão - a posição eurocêntrica da Igreja - esquecendo-se da singularidade do mundo inteiro, como a América Latina, África, Ásia com suas comunidades, a necessidade de ouvi-las, como uma Igreja mundial.

Neste contexto, Igreja para Delumeau deve ser uma Igreja flexível, tolerante, ecumênica, com a possibilidade da participação dos leigos e das mulheres nas decisões da Igreja, deixando de lado o autoritarismo e deixando para todos os fieis participação e decisão.

Na condição de historiador, este percebe que existem pontos em comum entre as religiões: a compaixão ante o sofrimento, a fé em uma divindade benfazeja, a necessidade de fidelidade, a recusa a mentira, a cólera e a comunhão com natureza.

Historiador, não posso deixar de ser sensível e receptivo a uma concepção de Igreja que enfatize o futuro de um povo em peregrinação rumo à terra. Sua promoção coletiva se realiza na história (DELUMEAU, 1991, p.153).

Sua reflexão encontra no cristianismo o elemento que enfrenta todos os totalitarismo e as ideologias, como o marxismo, o capitalismo. Os cristãos lutam pelos direitos dos homens, pela justiça social. É o cristianismo a força da pacificação: “o cristianismo é fundamentalmente um humanismo” (1991. p.154), rejeita todas as formas totalitárias e opressões, rejeita toda a forma de materialismo, com destaque para o marxismo e o capitalismo, defende os direitos sagrados dos trabalhadores, como forma de atuação social da Igreja:

Constatemos pois esta evidência dos nosso tempos; em face dos sistemas políticos e dos modelos econômicos, as Igrejas cristãs não são neutras e silenciosas: podem sê-lo (DELUMEAU, 1991, p. 158).

A Igreja para Delumeau não pode deixar de aproximar-se dos que precisam notoriamente os mais pobres. A Teologia da Libertação e sua luta por justiça social,

merecem do autor uma análise. Para ele, a catequese cristã “por muito tempo desumanizou ou se preferirmos, espiritualizou excessivamente a vida e os ensinamentos de Jesus” (1991.p.163). O autor confirma com essa posição sua tese de um Deus que se humanizou.

Critica na Teologia da Libertação, aqueles que acreditaram no caráter científico do marxismo, em particular o dogma da luta de classes e o reducionismo de Jesus às dimensões de um revolucionário, em uma visão exclusivamente política. Mas vê com bons olhos a Teologia da Libertação e ressalta a necessidade de uma Igreja renovada e arejada.

Armando Souto Maior

O professor, historiador Armando Souto Maior, fundador do curso de Pós-Graduação em História da Universidade Federal de Pernambuco (1974) escreveu ao longo de seus anos obras como: História Antiga (1959), História Antiga para o 1º ano (1960), História Antiga (1961), História Contemporânea para o 3º ano Colegial (1961) História Medieval e Moderna para o 2º ano Colegial (1962), História do Brasil (1979), O Diabo no Divã e Outros Contos (1991) O Gato Paralelo (1989) como também acontecimentos regional com repercussão nacional - Quebra-Quilos: Lutas Sociais no Outono do Império (1978).

O professor Souto Maior, na abordagem teórica de seus primeiros livros, transita dentro da visão marxista do materialismo dialético. Há que se destacar sua erudição como marca de seu conhecimento historiográfico. O que se aborda nesta pesquisa é sua mudança de visão do agnosticismo para a religiosidade.

Neste trabalho, o seu livro: Antes e Depois de Kardec (2006) é estudado, por que o mesmo era agnóstico e torna-se espírita.

O prefácio do livro Antes e Depois de Kardec fala de “uma nova ética”: “ Se tenho a capacidade de ver, então estou comprometido”(MAIOR, 2006, p.26). Uma nova capacidade de comprometer e de fazer parte de tudo. Neste mesmo diapasão, fala de um “novo humanismo”, baseado na reconhecida capacidade humana de superar-se, de transcender, um homem espiritualizado, que faz uma viagem em demanda ao interior, uma nova ordem, que não leva em conta os aparatos institucionais das religiões, com um propósito, de despertar para novas dimensões, do auto-descobrimto, do auto-

aprimoramento e o desprendimento dos bens terrenos, um” novo homem” que terá gratidão pela vida.

O lema espírita é levantado: “Trabalho, Solidariedade e Tolerância”. O destaque de início é sua mudança de postura em relação à religião e seus princípios.

A princípio destaca-se todo o envolvimento do homem com o transcendente, através da mediunidade, da presença de espíritos dos antigos vivos, que nesta outra dimensão se comunica com os vivos, através dessa ponte e se serve de contatos visuais, olfativos, auditivos, onde se manifesta na vigília e também nos sonhos, em permanente ligação entre dois mundos. Segundo o autor, desde o homem pré-histórico em suas cavernas, com as cenas cotidianas, abriga a idéia e prática comum e natural do contato com o transcendente, um lugar natural e que na posteridade histórica tornou-se lugar incomum, irreal e assim não natural.

Quanto à espiritualidade explica: “O seres humanos pré-históricos a possuíam sem entendê-la bem e a pressentiram apenas através dos sonhos, onde confundiam a realidade e a natureza com a sua própria vivência” (MAIOR, 2006, p. 19).

O contexto cultural e intelectual europeu nos séculos XVIII e XIX estava em efervescência, se falava de tolerância, liberdade política. Os intelectuais franceses contribuíram com essas idéias ao questionar todas as instituições religiosas. Desenvolveram a idéia de religião natural que se opunha aos dogmas da Igreja, diziam que tudo está na natureza, Deus e as leis naturais, concepção conhecida como deísta o iluminismo, movimento intelectual que colocava a razão como único caminho para o conhecimento defrontava-se com os princípios teológicos, superstições, mitos, símbolos, desenvolveram a idéia de evolução social e de progresso para a sociedade. Para Souto Maior essas idéias, são pano de fundo e se encontram na intelectualidade francesa e influencia o Espiritismo.

Neste contexto cultural de intensos debates intelectuais quanto de mudanças sociais, políticas em toda Europa, na era napoleônica, inicia os estudos no instituto Yverdon na Suíça, a figura de Hipolite Leon Denizard Rivail, aluno do educador Heinrich Pestalozzi. O jovem Rivail foi influenciado pela pedagogia de Pestalozzi, que tinha por princípios, respeito ao desenvolvimento das crianças e sua individualidade, o ensino

deveria ser gradual, não havia nem castigo ou recompensas em sua instituição, o método educacional era baseado no amor e no conhecimento. A aprendizagem se dava no processo de experimentação, saber e fazer. Esse método ainda possuía um componente a mais - a intuição.

Explica Souto Maior, que com essa bagagem pedagógica o jovem Rivail, leva até a França, o pensamento de Pestalozzi, lutou também por um ensino público e laico. Informa ainda que Rivail tinha a educação como o grande sonho de sua vida e que havia um grande desconhecimento do poder da educação. O historiador destaca que os interesses do professor Rivail eram abrangentes, este entrou em contato com o magnetismo, que estava em voga Europa.

Ao entrar com certos fenômenos, o Sr. Rivail, aplica “o método científico positivo” (MAIOR, 2006,p.126).

No decorrer dos estudos e das experimentações surge o primeiro livro: O Livro dos Espíritos (1857). Para Souto Maior, Kardec “completou a codificação do conhecimento humano sobre a espiritualidade, respondendo às perguntas que os homens sempre fizeram: Quem somos? De onde viemos? Para onde vamos? (MAIOR,2006, p. 128).

O espiritismo embora explique certos fenômenos sociais e econômicos, através da lei da reencarnação, tem que ser de certa forma revolucionário, no sentido de reivindicar mudanças na estrutura da sociedade, combatendo a concentração de riqueza e ausência de fraternidade, que no fundo significam simplesmente a manutenção de privilégios.(MAIOR,2006,p.136)

A análise da atuação do espiritismo como doutrina e movimento revolucionário, expõe a posição de luta e do compromisso do historiador com as mudanças sociais e a construção de uma sociedade justa, livre da exploração de uma classe por outra e de um individuo por outro e o fim de todo privilégio de ordem econômica, social ou intelectual. O espiritismo como doutrina e movimento tem a estrutura para tal empreendimento? De que forma o espiritismo poderia construir alternativas a sociedade vigente? Para ele o espiritismo encaminha-se com suas idéias para o socialismo humanista:

Ainda sobre a reflexão sobre socialismo e religião, Souto Maior destaca a posição de Leon Denis: “Socialismo e Espiritismo não são antagônicos”. “A questão social é,

acima de tudo uma questão moral.” (2006, p.138). As mudanças sociais também passam pelas religiões.

No contexto social e intelectual Kardec, viveu um período fértil, rico. Explica o historiador que o Sr. Rivail, enxergou nas mesas girantes um algo a mais, visto que elas já existiam antes dos estudos espíritas, o magnetismo era estudado por Anton Mesmer, até os raps e manifestações dos ditos fantasmas, eram conhecidas nos EUA no Brasil e Alemanha.

Aponta Souto Maior que outra influência na obra de Kardec é o positivismo. Através das idéias: moral altruísta, solidariedade, evolução e progresso, que também estão contidos nas obras de kardequianas.

O historiador em todo seu relato encara a mediunidade estudada, experimentada e teorizada por Kardec, como um a faculdade humana, observada em todas as épocas da História, desde as cavernas a sociedades contemporâneas, já vista no decorrer deste trabalho. Explica ainda a origem do nome Kardec, adotado pelo Sr. Rivail, sua origem é druida, antiga sociedade de cultura celta que tinham como lugar de suas práticas religiosas as florestas, os bosques, a sombra dos carvalhos, quando da morte de Kardec, foi construído um dólmen, que uma construção de pedra de origem druida.

Relata o historiador que o espiritismo inicial era alvo de ataques, havia um clima de intolerância religiosa, além de serem acusados de charlatanismo, fraude, satanismo:

Sermões, não faltando os que acusavam o Espiritismo de incitação ao comunismo e a divisão de bens, aviltamento das mulheres, ao adultério e ao aborto... não faltaram apelos a justiça e a policia correcional e até ao Supremo Tribunal (Cour d' Assises) para o enquadramento dos espíritas como falsários. (MAIOR, 2006, p.200).

Souto Maior em sua análise no espiritismo e do movimento espírita, faz uma crítica ao que ele chama de “espíritas pouco instruídos”, “que por aceitarem a reencarnação, tudo que ocorre na vida já está tudo planejado e previsto no plano espiritual.”(SOUTO MAIOR, 2006, p. 205). Explica o desconhecimento do livre -arbítrio e de um certo determinismo não é possível confundir com fatalismo o que para ele demonstra uma limitação de entendimento.

O historiador fala de sua profissão e da extrema sensibilidade que o envolve:

O historiador é uma pessoa que de certa forma, carrega sobre os ombros as dores do mundo. Ele vê mais e conseqüentemente, sofre mais do que qualquer outro profissional continuamente como ser humano. (MAIOR, 2006, p.213).

Para ele, o historiador empreende uma fuga, que passa pelos sofrimentos pessoais, os desencontros com a filosofia e observa que o ateísmo é sedutor em suas propostas e também doloroso: “e ao mesmo tempo libertadores de suas inquições mais profundas, anestesiando-lhe seu choque diante do mundo” (2006, p.213). Destaca-se então um historiador de postura romântica.

Então, neste tom transparece a sensibilidade e experiência de vida que evocam sua aguda relação com as angústias experimentadas, através das questões ligadas ao ser humano. O encontro com o espiritismo é motivo de uma compreensão da realidade que até aquele momento de sua existência não tinham conseguido responder.

Para o historiador, a fé e a ciência em boa parte da História estão em conflito; com o espiritismo existe um sentido de complementaridade, com o fim do antagonismo entre os dois saberes. Na questão que envolve a ciência e o espiritismo, faz uma crítica a postura do cientificismo: “com o superficial conhecimento do espiritismo, leva sempre ao falacioso raciocínio de que a teoria espírita é demasiadamente bem organizada para corresponder à realidade” (MAIOR, 2006, p. 214).

Para ele o espiritismo sofre resistências por parte das religiões, por ter contrariado os interesses dos cleros organizados: “com fortes bases econômicas, antigas tradições religiosas e pautas culturais sedimentadas há séculos e completamente alheias ao conhecimento científico” (MAIOR, 2006, p. 216).

Ao contrariar esses interesses, afirma o historiador, que o espiritismo foi alvo de intolerância da Igreja Católica e das diversas Igrejas Protestantes, por quebrar a ligação única como intermediários entre Deus e os homens.

E acrescenta Souto Maior que a fenomenologia espírita, sofre intensa oposição no contexto da Academia, que está armada do agnosticismo e materialismo e não o observa com a devida atenção que merece esses fenômenos:

Teriam pelo menos em teoria, o dever intelectual de conhecer as diversas faces do espiritualismo e até repudiá-lo se assim quisessem, pois independentemente de sua realidade existencial, a crença no espírito é também fenômeno histórico, cultural e sociológico. (MAIOR, 2006, p. 220).

O professor Souto Maior explica que os profissionais universitários espíritas “enfrentam ao nível de guerrilha intelectual, os modelos materialistas, sobre os quais muitas Universidade construíram suas estruturas e currículos” (MAIOR, 2006, p. 221).

O esforço a que esta obra se dirige por parte do Professor Souto Maior, vai na exposição do espiritismo, com sua história e todos os traços culturais, a possibilidade ser um tema estudado e investigado pela Academia.

O autor destaca ainda a necessidade de desenvolver a história do espiritismo no Brasil, tendo em vista que os fenômenos espíritas aqui em sua evidência mostram que o Brasil era espírita antes de Kardec e cita o fato de que em 1848, um juiz na cidade de Abrantes na Bahia informava reunião com comunicações de espíritos em uma casa.

No período do império, informa Souto Maior, a Constituição proibia o culto público que não fosse católico:

A Constituição do Império proibia qualquer culto público que não o católico e assim o espiritismo teria de se limitar a cultos domésticos e familiares, para impedir qualquer tentativa de institucionalização ou obtenção de personalidade jurídica. O famoso decreto 2711 de 19 de dezembro de 1860, determinava que toda a sociedade, religiosa ou política, para se constituir legalmente necessitava de aprovação episcopal. (MAIOR, 2006, p.226).

Ao negar um pedido para a fundação da Sociedade Espírita na cidade de Salvador, a autoridade eclesiástica na pessoa do Arcebispo D. Manuel Joaquim afirmava: “O espiritismo é um atentado formal contra verdade a católica e mais uma sociedade cuja, doutrina tem por fim contrariar a religião do Estado é contra o mesmo Estado”. (SOUTO MAIOR, 2006, p.227). Essa campanha contra o espiritismo por parte da Igreja Católica, se fez em algumas pastorais no século XIX entre estas:

Em 15 de junho, foi distribuída ao Episcopado brasileiro uma do bispo da diocese de São Sebastião do Rio de Janeiro, no qual o Antigo Testamento era usado como argumento contra a mediunidade e se dizia exatamente: Devemos odiar o espiritismo por dever de consciência. O espanto foi geral. (SOUTO MAIOR, 2006, p. 234-235).

Souto Maior, afirma em Novos Paradigmas penúltimo capítulo de seu livro Antes e Depois de Kardec, sendo a crença nos espíritos um fenômeno cultural, merece da academia um estudo para daí tirar as conclusões devidas, sem preconceitos.

REFERÊNCIAS

Livro:

DELUMEAU, Jean. As razões de minha fé. São Paulo: Loyola, 1991.

DURKHEIM, Emile. As formas elementares da vida religiosa. São Paulo. Martins Fontes, 2003.

DURAND, Gilberto. As Estruturas Antropológicas do Imaginário: introdução á arquetipologia geral. São Paulo, Martins Fontes, 2002.

_____, Campos Simbólicos. Lisboa, Instituto Piaget, 1996.

FERRARI, Trujilo. Metodologia da ciência. Rio de Janeiro:Kennedy, 1974.

MACHADO NETO, A.L. Da vigência intelectual: um estudo de sociologia das idéias. São Paulo: Grijalbo, 1968.

MAIOR, Armando Souto. Antes e Depois de Kardec. São Paulo: Doxa, 2006.

MORIN, Edgar. A inteligência da Complexidade. São Paulo: Fundação, 2000.

SANCHIS, P. O Campo religioso será ainda o campo das religiões? In Hoornaert. E. (org) História da Igreja na América Latina e Caribe.(1945-1995)Vozes:Petrópolis, 1995.

Artigo na internet

VIEIRA, Ribeiro, Gilberto. Evangelho terapia: a ciência de amor. Rio de Janeiro: Graun, 1992. www.germinaliteratura.com.br/cinema1.htm. Maria Helena Nery Garcez.

¹ Mestre em Ciências das Religiões pela Universidade Federal da Paraíba-UFPB. Professor de História do Instituto Federal-IFCE, Campus Crato.